

VOZES DE CULTURA CLÁSSICA NA LIRA DE MANUEL BANDEIRA:  
DA CIDADE DE CIRO À UTOPIA DE PASÁRGADA

Sebastião Tavares de Pinho (Universidade de Coimbra)

1. O poema de maior aceitação popular de toda a obra de Manuel Bandeira – e também o “de mais longa gestação”, segundo revela o próprio poeta – foi o famoso “Vou-me embora pra Pasárgada”, incluído no livro *Libertinagem*<sup>1</sup> e construído na base de um topónimo desconhecido da vulgar geografia moderna. Tratando-se de um texto poético de conteúdo profundamente evasivista – de um “grito” ou “desabafo de evasão”, como ele mesmo o classifica –, poder-se-ia pensar que o nome Pasárgada fosse um fingimento neológico, produto da imaginação do autor, à maneira do que Tomás More criara para o título da sua *Utopia*, a ilha encantada da felicidade total, descoberta pelo português Rafael Hitlodeu nas suas variadas e longas viagens de marinheiro errante. Mas Bandeira esclarece que aquele vocábulo correspondera a um lugar com existência histórica, a cujo conhecimento ele havia chegado nos tempos da sua formação escolar.<sup>2</sup> E foi tal a impressão estética que lhe causou a clara melodia do nome Pasárgada, que dele voltou a servir-se repetidas vezes, designadamente no poema “Saudades do Rio Antigo”, integrado no livro *Mafuá do Malungo*<sup>3</sup>, e o tomou, até, como símbolo de todo o processo genético e evolutivo do seu percurso de escritor e poeta, consignado no título

<sup>1</sup> Vd. Manuel Bandeira, *Poesia Completa e Prosa*. Introdução Geral por Sérgio Buarque de Holanda e Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, Cia José Aguilar Editora, 2. ed., 1967, p. 264-265. Sempre que citarmos esta obra, remeteremos para as páginas desta 2ª edição.

<sup>2</sup> Sobre a localização geográfica e notícias arqueológicas desta cidade, vd. Maria Pilar Barbosa Ferreira, “Manuel Bandeira e Pasárgada”, *Voz Lusitana* 9 (São Paulo, 1997) 130-136.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 489. E também “Antologia”, *ibidem*, p. 395, e ainda “A Antônio de Alcântara Machado” in “Epistolário”, Manuel Bandeira, *Poesia e Prosa*, Introdução Geral por Sérgio Buarque de Holanda e Francisco de Assis

da conhecida autobiografia literária *Itinerário de Pasárgada*, publicada pela primeira vez em 1954.<sup>4</sup>

Ora, é justamente em dois momentos dessa viagem biográfica que ele nos dá conta donde lhe viera tão estranho e tão belo topónimo. São dois longos passos que se interpenetram e se completam no pormenor das informações, na análise psicológica e no significado poético que o autor confere à descoberta do nome da cidade persa de Pasárgada. O primeiro é um texto autónomo intitulado “Biografia de Pasárgada”, que constitui uma espécie de prefácio ao próprio *Itinerário*, e que assim começa:

Quando eu tinha os meus quinze anos e traduzia na classe de grego do Pedro II a *Ciropedia* fiquei encantado com esse nome de uma cidadezinha fundada por Ciro, o Antigo, nas montanhas do sul da Pérsia, para lá passar os verões. A minha imaginação de adolescente começou a trabalhar, e eu vi Pasárgada e vivi durante alguns anos em Pasárgada.

Mais de vinte anos depois, num momento de profundo *cafard* e desânimo, saltou-me do subconsciente este grito de evasão: “Vou-me embora pra Pasárgada!” Imediatamente senti que era a célula de um poema. Peguei do lápis e do papel, mas o poema não veio. Não pensei mais nisso. Uns cinco anos mais tarde, o mesmo grito de evasão nas mesmas circunstâncias. Desta vez o poema saiu quase ao correr da pena. Se há belezas em “Vou-me embora pra Pasárgada”, elas não passam de acidentes. Não construí o poema; ele construiu-se em mim nos recessos do subconsciente, utilizando as reminiscências da infância — as histórias que Rosa, a minha ama-sêca mulata, me contava, o sonho jamais realizado de uma bicicleta, etc. O quase inválido que eu era ainda por volta de 1926 imaginava em Pasárgada o exercício de tódas as atividades que a doença me impedia: “E como eu farei ginástica.. tomarei banhos de mar!” A esse aspecto Pasárgada é “toda a vida que podia ter sido e que não foi”.<sup>5</sup>

Barbosa, Volume II - Prosa, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, Ltda, 1958, p. 1399-1400.

<sup>4</sup> Vd. *Poesia Completa e Prosa*, p. 31-132.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 31 (cfr. p. 102-103).

O outro passo em que Manuel Bandeira volta a falar, desta feita ainda com mais demora, sobre as circunstâncias em que ouvira pela primeira vez aquele topónimo persa integra-se no próprio texto do mesmo *Itinerário*, no espaço dedicado ao comentário a alguns dos poemas contidos no livro *Libertinagem* e escritos entre 1924 e 1930. Interessa-nos aqui sobretudo a primeira parte desse texto:

“Vou-me embora pra Pasárgada” foi o poema de mais longa gestação de toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse nome Pasárgada quando tinha os meus dezesseis anos e foi num autor grego. Estava certo de ter sido em Xenofonte, mas já vasculhei duas ou três vezes a *Ciropedia* e não encontrei a passagem. O douto Frei Damião Berge informou-me que Estrabão e Arriano, autores que nunca li, falam na famosa cidade fundada por Ciro, o antigo, no local preciso em que vencera a Astíages. Ficava a sudeste de Persépolis. Esse nome de Pasárgada, que significava “campo dos persas” ou “tesouro dos persas”, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias, como o de “*L’invitation au Voyage*” de Baudelaire.<sup>6</sup>

Passara-se isto por volta de 1902, quando o poeta vivia em Laranjeiras e freqüentava o ensino ginasial do futuro Colégio Pedro II. E, tal como no texto anterior, Bandeira recorda a seguir como, decorridas mais de duas décadas, quando já morava, sozinho, na Rua do Curvelo, em momento de profunda depressão psicológica e esmagado pela recordação de uma vida passada em que a doença o não deixara realizar tanta coisa que ele desejaria ter feito, lhe rompera bruscamente do fundo do inconsciente “êsse grito estapafúrdio”: “Vou-me embora pra Pasárgada”. Bandeira reconhecera no ímpeto daquela redondilha de sete sílabas, de ritmo tão bem compassado, o germen espontâneo ou, como ele diz, “a primeira célula de um poema”. Mas, como vimos, só mais tarde um novo impulso daquela força poética, que desde longe o perseguia, fez nascer o poema, que então se desprende macio como fruto maduro de uma gestação demorada. O poeta revê-se nele e nele revê toda a sua vida, naquilo que viveu e

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 102. Cfr. também “Juventud, divino tesoro...”, in *Poesia e Prosa*, II, p. 1171.

sobretudo no que sonhou e não pôde realizar, descobrindo na cidade exótica dos reis da Pérsia um espaço ideal de felicidade, “uma Pasárgada onde podemos viver pelo sonho o que a vida madrasta não nos quis dar”<sup>7</sup>.

Compreende-se que esta verdadeira explosão de uma reminiscência de juventude, configurada em torno de uma palavra mágica, ubérrima de emoção estética, tenha provocado no poeta o desejo de reconstituir o quadro e as circunstâncias em que a conheceu pela primeira vez. Daí o tê-la procurado nas fontes para onde a mesma memória o encaminhara: os autores helênicos que ele conheceu como estudante de grego no tempo ginásial.

Bandeira tivera uma boa formação humanística, como era, já então, a do notável colégio em que fizera os seus estudos secundários. Desse tempo e desse ensino, das aulas e dos seus professores, nos dá ele conta no seu *Itinerário*. Aí se refere a vários deles, tecendo a seu respeito e do mérito pedagógico de cada um variadas considerações de louvor ou de reprovação.

Quanto ao latim e ao grego, cujo conhecimento, segundo as próprias palavras de Bandeira, “deveria ser a base do estudo das letras”, lamenta-se o poeta de que ambos lhes foram ensinados “da pior maneira”. E, embora ele recorde o seu mestre de latim, Vicente de Sousa, como um “homem inteligente e culto” e “grande latinista”, lamenta que ele tenha sido uma “negação completa para mestre de meninos”. Teria preferido Manuel Bandeira que o professor tivesse procurado despertar nele e nos colegas o “gosto pela poesia de um Virgílio (ou de um Lucrécio, tão em harmonia com o seu espetaculoso materialismo) e pela prosa de um Tácito”, a obrigá-los “a quebrar a cabeça com as formas arcaicas das declinações” e com a “pronúncia restituída”, em que “fazia muita questão” e de que fora o introdutor no Brasil. E Bandeira fecha a sua apreciação a todo o processo pedagógico das línguas clássicas do seu ginásio com esta cláusula rotunda: “Do professor de grego nem falemos”<sup>8</sup>

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 103.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 46. A propósito das deficiências do ensino da língua grega, veja-se a curiosa crônica de Bandeira “O professor de Grego”, em *Flauta de Papel* (in *Poesia Completa e Prosa*, p. 578-580), sobre um caso de sinecura, conseguida por conta de factura política.

2. A memória crítica e negativa que Bandeira retém dos tempos da sua adolescência – devida, pelo que se vê, às deficiências do seu ensino – não significa que o poeta não tivesse pela cultura clássica um grande apreço. Pelo contrário – como, de resto, já vimos atrás –, ele mesmo dá testemunho, no citado *Itinerário de Pasárgada*, da sua particular admiração pela literatura grega, designadamente pela *Ilíada* e pela *Odisseia*, cujos heróis ele toma como termo de comparação para várias das figuras típicas que acompanharam o crescimento e formação da sua infância desde os seis aos dez anos em que permaneceu no Recife e lhe cunharam o pendur da sensibilidade poética nascente. Foi durante esses verdes anos, no convívio com pessoas reais, como Totônio Robrigues e D. Aninha Viegas (que mais tarde ocuparão espaço nobre em poemas como “Evocação do Recife” e “Infância”), que “se construiu – diz o poeta – a minha mitologia e digo mitologia porque esses tipos [...] têm para mim a mesma consistência heróica das personagens dos poemas homéricos”<sup>9</sup>.

Bandeira leva mais longe a sua homenagem à poesia clássica grega quando transforma o ambiente geográfico das ruas do Recife, que o viram crescer e desabrochar para a vida, e o aconchego do lar de sua meninice, num espaço poético tão fecundo para si como o foram, para a épica helênica, os lugares que serviram de cenário à primeira e maior epopeia das literaturas ocidentais. Bandeira fez do espaço real da sua infância o país dos Troianos, e do solar de seu avô a cidade de Tróia: “A Rua da União – diz ele –, com quatro quarteirões adjacentes limitados pelas ruas da Aurora, da Saudade, Formosa e Princesa Isabel, foi a minha Tróade; a casa de meu avô, a capital desse país fabuloso”<sup>10</sup>.

Esta metáfora vale por um declarado reconhecimento de que o berço da poesia ocidental e a fonte fecunda onde germinou a sua inspiração se encontram nos padrões da estética clássica, e prova a profunda influência deixada na mente do poeta de Pasárgada pelos poemas homéricos, como um marco de capital referência para todo o género de poesia. Bandeira associava-os mesmo às motivações da expressão lírica, como ainda aos sessenta anos defendia, quando, a propósito dos chamados poetas bissexto, “em cuja vida o poema

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 42.

acontece como o dia 29 de fevereiro no ano civil” e quase se limitam a temas de carácter passional, recordava que o amor, o tema lírico por excelência, consegue até gerar epopeias, e acrescentava: “Porque afinal de contas *A Ilíada* o que é senão a dor de Menelau com todas as suas conseqüências? O mais ilustre caso da famosa dor, pois arrastou à luta todos os príncipes da Grécia, solidarizados com o marido de Helena?”<sup>11</sup> E o que é afinal a *Odisseia* – perguntamos nós – senão o poema do *nostos*, a dor da saudade e do regresso de Ulisses à pátria querida e aos alvos braços de Penélope?

No parecer de Bandeira, que ao falar dos maiores gênios da literatura colocava Homero antes de todos, a *Ilíada* era um poema de leitura obrigatória para todo o homem de letras, como deixa implícito em certo elogio feito a Sérgio Buarque de Holanda<sup>12</sup>. Por isso, ele a conhecia tão bem e a ela recorria em circunstâncias diversas, designadamente nos momentos da inspiração lírica, como acontece no “Soneto parnasiano e acróstico em louvor de Helena Oliveira”, incluído em *Estrela da Tarde*<sup>13</sup>, onde evoca a beleza da esposa de Menelau,

Houve na Grécia antiga uma beleza rara  
(Em versos de ouro o grande Homero celebrou-a),  
Linda mais do que a mente humana imaginara,  
E cuja fama sem rival inda ressoa.

para a contrapor a “uma Helena mais pura”, a dos sonetos de Ronsard, com quem prefere comparar a sua “Helena brasileira”. Ou, então, no outro soneto a que deu o título latino *Ad instar Delphini* (“À maneira de Delfino”) e onde exprime o desejo de compor uma epopeia para cantar “Não... Helena e a antiga Tróia,” mas “As duas curvas de dois brancos pés”<sup>14</sup>.

Dos líricos gregos, Bandeira não esquece o poeta Píndaro, cujo pensamento ele relembra ao analisar, num dos seus ensaios literários, a obra poética de Augusto Meyer, em particular os *Poemas*

<sup>11</sup> Vd. *Poesia e Prosa*, II, p. 1299.

<sup>12</sup> Vd. “Sérgio, anticafajeste”, *Flauta de Papel*, in *Poesia Completa e Prosa*, p. 348.

<sup>13</sup> Vd. *Poesia Completa e Prosa*, p. 439.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 375-376.

*de Bilu*, marcados por um profundo desencanto e “desgosto amarguento” em face da vida, resumidos na afirmação de que “nós somos a sombra de um sonho numa sombra”. Bandeira, que vê nestas palavras “O resíduo último dessa filosofia niilista” de Meyer, não deixa de a considerar expressamente como “a inversão do pensamento de Píndaro, que definiu o homem como

sonho de uma sombra.”<sup>15</sup>

Mas este cantor dos heróis da Hélade é evocado de maneira particularmente emotiva no poema encantador de Manuel Bandeira composto em defesa das aeromoças brasileiras, por ocasião de suas reivindicações por uma melhoria salarial. O autor – a quem se deve, também, uma belíssima “Oração para aviadores” – deu àquela composição o justo título de “Discurso em louvor da aeromoça”, mas entende que quem melhor poderia louvar e defender “aqueles sorrisos bonitos de chegada e partida nos aeroportos” seria o cantor grego das façanhas dos super-homens helénicos:

Aeromoças, aeromoças,  
Que pisais o chão  
Com donaire novo,  
Não pareceis baixar de céus atuais  
Mas dos antigos,  
Quando na Grécia os deuses ainda vinham se misturar com os homens.  
Píndaro gostaria de cantar o vosso cotidiano heroísmo, tão simples, a vossa graça,

[a vossa bondade<sup>16</sup>

Bandeira aproveita, pois, repetidas vezes os vastos conhecimentos da sua cultura greco-latina para oportunos e variados comentários da mais séria ou mais trivial circunstância. Assim, ao responder ao tio Raimundo Bandeira em carta de um sábado de Ja-

<sup>15</sup> Vd. *Poesia Completa e Prosa*, p. 726-727; *Poesia e Prosa*, II, p. 1291; Manuel Bandeira, *Andorinha, Andorinha*. Edição Comemorativa do Centenário de Nascimento do Bardo (1886-1986). Seleção e coordenação de textos de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, José Olímpio Editora, 1986, 2. ed., p. 321.

<sup>16</sup> Vd. *Opus 10* in *Poesia Completa e Prosa*, p. 353-354.

neiro de 1910 e falando de questões de literatura, como, por exemplo, sobre a definição do que é clássico, acerca dos amplos recursos estéticos dos hexâmetros de Virgílio e principalmente a respeito da universalidade da arte, observa-lhe que esta, infelizmente, não pode ser apreciada por todos, pois – diz ele – “Há por aí m.<sup>10</sup> bacharel formado que não pode compreender a beleza de uma tragédia de Sófocles – que os gregos todos sentiam...”<sup>17</sup>. E, ao dedicar, 46 anos depois, uma das suas crônicas ao poeta da canção Orestes Barbosa, assim se serve da sua bagagem clássica para jocosamente prevenir o leitor:

Não é do Atrida que vou falar, daquele grego terrível que matou a sua mãe, foi perseguido pelas Fúrias, apunhalou Pirro e, junto com a irmã e Pílates, sacrificou Toas, roubou a estátua de Diana e acabou morrendo prosaicamente de uma mordedura de cobra. Não, o meu Orestes é outro, pertence à raça pacata e cantante de Orfeu, era funcionário da Câmara de Vereadores, mas aposentou-se e desapareceu da circulação carioca, no louvável e derrisório intuito de desafogar o trânsito nas imediações da Galeria Cruzeiro. Em duas palavras famanadas: Orestes Barbosa.<sup>18</sup>

No campo da mitologia, encontra o poeta de Pasárgada amiadado recurso para tecer seus comentários, emitir juízos, fazer comparações. Compara o ritmo e cadência abrupta de certo verso de Castro Alves com a queda de Ícaro durante as suas acrobacias aéreas<sup>19</sup>. Considera Santos Dumont digno de pertencer à Academia Brasileira de Letras por ser “quem primeiro viu o sol mais de perto” e como “Febo esplende e é luz e é dia”<sup>20</sup>. Na abertura do livro *Carnaval*, justamente na ode “Bacanal”, com seis estrofes de feição sáfica e de conteúdo e forma tipicamente greco-latinos, evoca repetidamente uma tríade divina a formar uma espécie de refrão de estrutura adônica — “Evoé Baco!... Evoé Momo!... Evoé Vénus!”<sup>21</sup>. No soneto

<sup>17</sup> Vd. “Epistolário” in *Poesia e Prosa*, II, p. 1382-1383.

<sup>18</sup> Vd. “Orestes”, *Flauta de Papel* in *Poesia e Prosa*, II, p. 409-410.

<sup>19</sup> Vd. *Poesia e Prosa*, II, p. 1256-1257.

<sup>20</sup> Vd. “À maneira de...Alberto de Oliveira”, *Mafuá do Malungo* in *Poesia Completa e Prosa*, p. 499.

<sup>21</sup> Vd. *Carnaval* in *Poesia Completa e Prosa*, p. 191-192.

sobre o mito da aranha, é a própria fiandeira *Arachne* quem conta a sua triste história e as conseqüências de ter desafiado Atena – a romana Minerva da versão do poeta<sup>22</sup>. Escolhe para o seu *ex-libris* uma esfinge com corpo de leão e cabeça de carneiro – uma *ariesphinx* –, em que está presente um dos apelidos herdados de seu pai, sobre a qual compôs o poema do mesmo nome em *Estrela da Tarde*<sup>23</sup> e cujo sentido explica em *Itinerário de Pasárgada*<sup>24</sup>. No soneto “A morte de Pã”<sup>25</sup>, em que não faltam deidades da mitologia greco-latina como Faunos, Dríades, Napeias e Oréades, põe em confronto a morte do deus arcádio (“o Epipã”, isto é, o deus Pã de pés de cabra) com a morte de Cristo, como símbolo do termo da civilização pagã e o início de uma nova era. Em suma, Manuel Bandeira reage contra o nacionalismo redutor do manifesto de Oswald de Andrade sobre a Poesia Pau-Brasil e defende a universalidade da sua inspiração poética com estas palavras:

Eu quero falar do que me der na cabeça... Quero ter o direito de falar ainda na Grécia. Há pouco tempo entrei na Agência Havas no momento em que Américo Facó ditava pelo telefone um despacho recebido de Elêusis. Senti de pronto a ironia da emoção lírica.<sup>26</sup>

Esta liberdade de pensamento sintonizava com o culto da personalidade por parte dos Antigos, cujos filósofos Bandeira não deixou de honrar, quer mencionando-os em ajustadas referências de circunstância, quer incorporando-os nas suas formas poéticas. Da escola filosófica nascida à sombra do bosque sagrado de Atenas e sob o nome tutelar do herói Academo – “que teria ficado como o ideal dos institutos congêneres”, segundo palavras do poeta –, lembra este os patronos dela por ocasião da entrada de um novo membro para a Academia Brasileira de Letras, ao comentar os discursos do candidato e do paraninfo com esta ironia: “Os espíritos de Platão e

<sup>22</sup> Vd. “A Aranha”, *Cinza das Horas* in *Poesia Completa e Prosa*, p. 160-161.

<sup>23</sup> Vd. *Poesia Completa e Prosa*, p. 392.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>25</sup> Vd. *Carnaval* in *Poesia Completa e Prosa*, p. 208.

<sup>26</sup> Vd. *Andorinha, Andorinha*, p. 247.

Academus, invocados no exórdio da oração do seu novo confrade, sorriam encantados...”<sup>27</sup>

Por outro lado, a filosofia platónica da pré-existência das ideias, como realidades essenciais e eternas, e a sua teoria da reminiscência são assim traduzidos na metáfora da belíssima quadra intitulada “Seio”:

O teu seio que em minha mão  
Tive uma vez, que vez aquela!  
Sinto-o ainda, e ele é dentro dela  
O seio-ideia de Platão.<sup>28</sup>

De Aristóteles, não podia deixar de socorrer-se o grande poeta e teorizador poético que foi Manuel Bandeira pelo menos no seu precioso estudo sobre os conceitos de “Poesia e verso”, título de uma conferência pronunciada na Casa do Estudante do Brasil, onde, por entre muita erudição clássica como a etimologia de “inefável”, de “prosa” e de “verso” e a transcrição de poesias latinas, aparece, em confronto com muitas outras modernas, a definição aristotélica de poesia: “Poema que é uma simples reprodução por imitação”.<sup>29</sup>

Mas um dos poemas em que Bandeira melhor demonstra a influência directa recebida da literatura grega a partir do contacto com os próprios textos é o soneto intitulado “Menippo”, o nome do pensador da escola cínica a quem se deve a criação de um estilo humorístico de expressão joco-séria da filosofia. O poema foi publicado pela primeira vez, ao que parece, em 1907 e viria a integrar a colectânea *Carnaval*, saída a lume em 1919; mas o poeta já o deveria ter composto em 1905, como se pode depreender da carta dirigida de Campanha, em 23 de Setembro desse ano, ao seu amigo e discípulo Antenor Nascentes e em que descreve as circunstâncias que motivaram a sua génese. Vale a pena transcrevê-la por inteiro, pela densidade de informações que contém e aqui nos importam:

Você ainda se lembra daquele quadro admirável de Velásquez – o Menippo – da coleção do Museu do Prado? Creio que

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 145-146.

<sup>28</sup> Vd. *Estrela da Tarde*, in *Poesia Completa e Prosa*, p. 384.

<sup>29</sup> Vd. *Poesia e Prosa*, II, p. 1273.

lhe mostrei num álbum, nas Laranjeiras. Pois eu tive uma impressão profunda dessa figura em que há um sorriso de desdém supremo, um sorriso que é uma obra-prima. O Menippo não podia deixar de ser assim. Quis fazer um soneto e lembrei-me logo do espirituoso diálogo de Luciano, do Luciano a quem tanto estropiava o Noronha. Por isso mandei pedir-lho. Aí tem você satisfeita a curiosidade. Como esse soneto te deu mais trabalho talvez que a mim, ofereci-o a você — ele lhe pertence. Talvez você o veja publicado num jornaleco daí — o *Rio Pequeno*. O irmão do redator-chefe mora aqui e pediu-mo. Vou passando sem novidade.

Abraça-o o amigo

BANDEIRA<sup>30</sup>

A referência expressa ao polígrafo grego Luciano de Samósata levou-nos a supor a boa preparação humanística recebida por Manuel Bandeira no Ginásio Nacional do Rio de Janeiro (hoje Pedro II) entre 1897 e 1902, facto confirmado pela informação que os documentos da época nos revelam e que tivemos oportunidade de pesquisar. Aí se encontram dados sobre os programas e seus conteúdos, sobre horários, professores, regime de exames. Por eles sabemos, por exemplo, que o poeta freqüentara cinco anos de latim desde o 2º até ao 6º e último, com uma carga horária de três horas semanais até ao 5º ano e de uma hora no 6º; e que estudara língua grega durante por três anos (do 4º ao 6º), com três horas por semana nos dois primeiros e duas no ano terminal<sup>31</sup>. Sabemos, também, que Manuel Bandeira foi aluno brilhante em todas as áreas do seu currículo de estudos e que, nas línguas clássicas, teve sempre aproveitamento dis-

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 1380.

<sup>31</sup> Vd. Manuel Bandeira passou por quatro reformas de ensino: a de Cassiano do Nascimento (1894), que ele ainda seguiu no primeiro ano do Ginásio; a de Amaro Cavalcanti (1898) e as duas de Epitácio Pessoa (1899 e 1901). Sobre elas e os respectivos Regulamentos ginásiais sucessivamente publicados, vd. os *Decretos* n.º 2.857, de 30 de Março de 1898, n.º 3.251, de 8 de Abril de 1899, e n.º 3.914, de 26 de Janeiro de 1901. Vd., também, o *Diário Oficial* de 12 de Abril de 1901, que estabelece o horário das aulas para os 4º, 5º e 6º anos: Grego às segundas, quartas e sextas-feiras (das 12,30 h às 13,30 h no 4º ano; das 11,20 h às 12,20 h para o 5º ano; e das 10,10 h às 11,10 h para o 6º ano) e Latim às terças, quintas e sábados (das 11,20 h às 12,20 h para o 4º ano e das 12,30 h às 13,30 h para o 5º ano).

tinto, ao lado de outros exímios companheiros de curso, como o referido Antenor de Veras Nascentes, Alfredo Araújo Lopês da Costa, Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, Artur Alexandre Moses. De facto, os livros de assento conservados em arquivo registam, por exemplo, o resultado do seu exame de Grego, tanto no 5º como no 6º ano, com “Distinção” e nota de grau dez, a máxima prevista na respectiva escala, a par com outros seis alunos igualmente distintos, de entre uma turma de vinte e dois. E em termos de resultados obtidos em todas as oito disciplinas do 5º ano (Grego, Literatura, História Natural, Mecânica e Astronomia, Física e Química, Latim, Alemão e História Natural), Manuel Bandeira figura entre os primeiros cinco, com uma média global de 9,25, logo a seguir ao futuro grande filólogo Antenor Nascentes, com 9,87 valores<sup>32</sup>. Sabemos, ainda, que “o Noronha” aqui mimoseado com o epíteto de estropiador de Luciano e de quem, quase cinqüenta anos depois (*Itinerário de Pasárgada*, Rio, 1954), Bandeira entendia nem dever falar, era, afinal, o Dr. António Henrique de Noronha, que fora professor adjunto do Colégio Militar e já era lente de Grego no Internato do Ginásio Nacional em 1900, ano em que, por permuta com o colega de especialidade Dr. Hans Heilborn, passara a ensinar no Externato do mesmo Ginásio, onde Manuel Bandeira iniciava, no 4º ano, a aprendizagem do idioma helénico<sup>33</sup>. Sabemos, enfim, que entre os autores estudados nesta dis-

<sup>32</sup> Vd. Arquivo do Colégio Pedro II, Unidade São Cristóvão II, *Externato do Gymnasio Nacional, Caderneta de 5º Ano, Resultado dos Exames, 1900 a 1904*, e [*Caderneta de*] *6º Ano. Resultado dos Exames, 1899 a 1903*. Aproveito a oportunidade para agradecer penhoradamente à ilustre Direcção desta Unidade escolar as facilidades que me proporcionou na consulta do referido Arquivo, bem como ao Prof. António José Chediak preciosas informações complementares e à Drª Nadja de Almeida Chediak, digna bibliotecária da Biblioteca Antenor Nascentes, do mesmo Colégio, o prestimoso apoio no acesso à documentação aí existente sobre o currículo escolar deste filólogo.

<sup>33</sup> Vd. *Diário Oficial*, 15/2/1901. Ramiz Galvão – “o meu primeiro professor de Grego”, como se lhe refere Bandeira no “Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras” em 30 de Novembro de 1940 (vd. *Poesia e Prosa* II, p. 963) – deve tê-lo sido por pouco tempo na primeira parte do ano de 1900, antes da transferência do Dr. Noronha, em 24 de Julho, para o Externato do Ginásio Nacional, onde este ainda se conservava em 1912. Cfr. *Programmas Provisorios do Gymnasio Nacional para Ensino no Anno Lectivo de 1912*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1912.

ciplina figuravam Homero com a *Ilíada*, Platão com a *Apologia de Sócrates*, Xenofonte com a *Anábase* e a *Ciropedia*, e Luciano com os *Diálogos dos Mortos*.<sup>34</sup>

Assim se compreende que Bandeira, passados apenas ano e meio depois de terminados os estudos ginasiais e num momento de furor poético, se tivesse inspirado num autor do seu currículo, pela via plástica do grande pintor Velásquez, que tão bem fixara em tela o desdenhoso sorriso do humorístico Menipo.

A figura do filósofo Menipo de Gádara aparece, como se sabe, como principal personagem de várias obras de Luciano. Mas é sobretudo nos *Diálogos dos Mortos* que ele intervém com mais frequência e destaque: nada menos que em dez dos vinte e cinco diálogos que constituem esta obra.

Manuel Bandeira escolheu para mote do seu soneto o conteúdo do diálogo XXII mantido entre Caronte e Menipo na presença de Hermes. Luciano imagina o filósofo grego em viagem de pós-morte a caminho do Hades na companhia de outros recém-falecidos. Chegados à entrada do Além após a travessia da Lagoa Estígea na jangada infernal de Caronte, e quando este procedia à cobrança do transporte, Menipo foi o único passageiro a negar-se ao pagamento do óbolo. Não o pagava porque, simplesmente, o não tinha – ele, o filósofo cultor do total desprezo de riquezas e honrarias. Apesar das exigências e ameaças do tenebroso barqueiro, Menipo, impávido e sorridente de desdém, respondia: “Nesse caso, devolve-me de novo à vida”. Desesperado, Caronte volta-se para Hermes, o condutor daquelas almas, e pergunta-lhe: “Donde é que nos trouxeste este cachorro? Como ele falava durante a viagem, rindo-se de todos os passageiros e troçando deles, e como só ele cantava, enquanto os outros se lamentavam!” Hermes responde-lhe: “Não sabes quem é o homem que transportaste na barca? Um homem verdadeiramente livre e a quem nada preocupa. Este é o conhecido Menipo.”<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Vd. *Programmas Provisorios do Gymnasio Nacional para o Ensino no Anno Lectivo de 1898*, Rio de Janeiro, 1898, p. 13, 19, 27, 42, 57 e 65-66. Cfr. idênticos programas para 1896.

<sup>35</sup> Seguimos de perto a tradução de Américo da Costa Ramalho, in Luciano, *Diálogos dos Mortos*. Introdução, versão do grego e notas. Coimbra. INIC-CECH, 1989, p. 80-81.

Manuel Bandeira, aos 19 anos de idade, soube gravar toda a mensagem das quatro páginas deste diálogo na síntese genial do seguinte soneto:

## MENIPO

Menipo, o zombeteiro, o Cínico vadio,  
la fazer, enfim, a última viagem.  
Mas ia sem temor, calmo, atento à paisagem  
Que se desenrolava à beira do atro rio.

E chasqueava a sorrir sobre o Estige sombrio.  
Nem cuidara em trazer o óbolo da passagem!  
Em face de Caronte, a pavorosa imagem  
Do barqueiro da Morte olhava em desafio.

Outros erguiam no ar suplicemente as palmas.  
Ele, avesso ao terror daquelas pobres almas,  
Antes afigurava um deus sereno e forte.

Em seu lábio cansado um sorriso luzia.  
E era o sorriso eterno e sutil da ironia  
Que triunfara da vida e triunfava da morte.<sup>36</sup>

Para além do conteúdo desta composição e das considerações literárias que ela pode suscitar, não podemos deixar de referir ainda outras marcas, no domínio do estilo e da linguística, igualmente denunciadoras da profunda influência clássica recebida. Desde logo, a felicíssima expressão “Cínico vadio”, em que o adjetivo “vadio” apela manifestamente para a etimologia do substantivo “Cínico” – de *kunikóç* (de *kúwn*, *kunóç*, “cão”) –, presente, aliás, nas palavras de Caronte acima transcritas. Só um conhecedor do grego poderia fazer tal jogo de palavras. Do mesmo modo, os latinismos “atro” (v. 4), “suplicemente” e “palmas” (v. 9) mostram que Bandeira sabia explorar com rigor e propriedade o seu domínio da língua do Lácio.

<sup>36</sup> Vd. *Poesia Completa e Prosa*, p. 208.

De resto, é esse conhecimento básico das línguas clássicas que o leva a frequentes intervenções mesmo de carácter filológico, como acontece por exemplo, no caso do grego, com a crónica dedicada aos poetas Tiago de Melo e Geir Campos, que escolheram para emblema de uma empresa editora de poesia a palavra “Hipocampos”, cuja etimologia e significado (uma espécie de cavalo-marinho) ele comenta<sup>37</sup>. Ou na crítica feita a certos poetas simbolistas que – diz Bandeira – “não sabiam latim” mas “gostavam de gastar latim” e a quem “certas letras punham em estado de transe: o “y”, o “th” (Castro Meneses intitulou o seu livro *Mythos*, porque essa privilegiada palavra ostenta ainda o duplo timbre da linguagem grega)”<sup>38</sup>. Em 1952, com 66 anos de idade, Manuel Bandeira ainda não havia esquecido de todo o seu grego, de modo a que, ao escrever o “Esboço biográfico” sobre Gonçalves Dias, faz o seguinte comentário acerca de um episódio de ciúmes conjugais deste poeta:

Algun desafeto ou amigo urso, algum intrigante mandou-lhe do Rio um número da revista *A Semana Ilustrada*, onde vinha uma caricatura – um cantor de ópera no papel de trovador, de copa em punho, tendo ao lado as palavras *Il segreto per esser felice*, e junto um medalhão com um busto de mulher ridiculamente magra e feia entre as palavras *Phydias epoiei* em caracteres gregos; envolvia por baixo o medalhão a legenda “Medalha representando uma *Traviata Romana* descoberta nas escavações de Herculano”.

O autor da caricatura, que assinava C., ou alguém que lhe soprou o grego, não era forte na língua. Fídias em grego é “Pheidías” e não “Phydias”. “Epoiei” pertence ao verbo “poieio” [*sic*], que significa fazer, produzir, criar (donde “poietés” o que cria, o que inventa, o poeta). O dicionário de Chassang dá o exemplo *Lysippos epoiei*, traduzindo “Lisipo é autor desta estátua”.

Que havia em tudo isso de relacionado com Gonçalves Dias? Vereis como o diabo as arma. Parece que a mulher apresentada como “traviata” tinha alguma semelhança com D. Olímpia, esposa do poeta,

<sup>37</sup> Vd. *Flauta de Papel*, in *Poesia e Prosa*, p. 290-291.

<sup>38</sup> Vd. *Ensaio Literários* in *Poesia e Prosa*, II, p. 1160 (cfr. p. 438).



e “Phydias” em caracteres gregos podia ser interpretado, como se pode verificar da reprodução que damos do desenho, por O. G. Dias (Olímpia Gonçalves Dias).<sup>39</sup>

Este comentário, evidentemente, só podia ser feito por Manuel Bandeira graças à cultura greco-latina que recebera e ao conhecimento básico das suas línguas, apesar da atitude de modéstia que a tal respeito por vezes confessava, como aconteceu quatro anos depois, em 28 de Novembro de 1956, na resposta dada à jornalista do *Diário de Notícias* – “à nossa querida Eneida” –, que numa das suas reportagens dominicais tomara por tema aqueles versos que “adormecem dentro de nós mas estão sempre prontos a acudir-nos, na rua, em casa, em noites ou dias, a qualquer momento”, e que lançara “a meio mundo” esta pergunta: “Você tem algum verso que o persiga?” Bandeira entrou no certame e escreveu:

Eneida, vou responder-lhe aqui, porque são tantos os versos que me “perseguem”, tantos, que não poderiam caber nas suas colunas. Versos de todas as línguas que sei ou que soube. Começamos pelas que soube, ou, para ser mais exato, que estudei mas nunca cheguei a saber – o grego e o latim.

Da língua de Homero só me ficou na lembrança um sorriso no meio de lágrimas, não chega a ser um verso, é apenas um fragmento de verso do mesmo Homero: *dracúoen* [sic] *gelásasa* (pronuncie-se o *u* como em francês, o *g* forte e o *s* como *ss*). No entanto, talvez para me compensar de tudo o que esqueci, raro é o dia em que não repita comigo essas duas palavras, que me fazem uma cocegazinha gostosa na garganta.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> Vd. *Poesia e Prosa*, II, p. 756-757. A forma *poieio* da edição aqui seguida, em vez de *poieo*, é certamente gralha tipográfica. Sobre a caricatura, cfr. Gonçalves Dias, *Poesia Completa e Prosa Escolhida*, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, Ltda, 1958, p. 41 e p. 50, onde a reprodução da gravura aparece muito mais nítida que na obra de Manuel Bandeira.

<sup>40</sup> Vd. “Resposta a Eneida”, *Flauta de Papel*, in *Poesia e Prosa*, II, p. 489-490. A transcrição do fragmento grego, tal como se apresenta na edição de que nos servimos – a da Editora Aguilar, de 1958 –, contém, como se vê, dois erros de grafia: *dracúoen* em vez de *dacruóen*.

O “fragmento de verso”, como lhe chama Bandeira, é, afinal, o primeiro hemistíquio do hexâmetro 484 do canto VI da *Iliada* e pertence ao episódio da despedida de Heitor e Andrómaca, que ao receber das mãos do marido o tenro filho, o acolheu em seu seio perfumado sorrindo entre lágrimas: *dakruóen gelásasa*.

Compreende-se que um homem como Manuel Bandeira, habituado a amassar o pão da escassa alegria com o fermento da dor que, desde muito cedo, o perseguiu por toda a vida e o impediu de realizar tantos dos seus sonhos, não esquecesse este quadro homérico centrado na vida de uma criança apenas desabrochada e que, afinal, não se realizou<sup>41</sup>. Como não esqueceria, também, o nome de Pasárgada, essa cidade persa encantada para onde tantas vezes e de tantas formas quis evadir-se do sofrimento das suas frustrações e que lhe fornecera o lema do famoso grito “Vou-me embora pra Pasárgada” — um dos seus próprios versos que mais o perseguiram, como o Poeta confessa em outra “Resposta” dominical à mesma jornalista Eneida quinze dias depois.<sup>42</sup>

3. Bandeira lançara o tema pasargadiano em 1926 com o poema em que aquele verso serve, ao mesmo tempo, de mote, de título, de *incipit* e de refrão:

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
[.....]  
Vou-me embora pra Pasárgada

<sup>41</sup> O menino Astíanax, que, ao colo da sua ama, assistiu à despedida dos pais, veio a ser, depois da queda de Tróia, exigido pelos gregos, que, segundo uma das versões da tradição, lhe deram a morte (Vd. Homero, *Iliada*, 6, 400 sq.)

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 492-493. Bandeira diz expressamente: “Talvez a êsse título me persigam alguns dos meus próprios versos: *A vida inteira que podia ter sido e que não foi...* Claro que o *Vou-me embora p’ra Pasárgada...* Êste último está me perseguindo muito nestes últimos meses, [...]”

Vou-me embora pra Pasárgada  
 Aqui não sou feliz  
 [.....]  
 Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo  
 É outra civilização  
 [.....]  
 Vou-me embora pra Pasárgada.

Mas a perseguição desse tema havia de manifestar-se pela vida fora em múltiplos tons de variada evasão, desde as memórias da infância e do paraíso onírico da abundância e da liberdade que o poema anterior representa, até aos estados de desesperação, como é a carta em forma de poema “A Antônio de Alcântara Machado” escrita do Rio em dia de Finados de 20 de Janeiro de 1930 e em que a lembrança do saudoso pai e as dificuldades da sua própria vida lhe ditam as palavras: “[...] Não posso ir mais pra Pasárgada / Houve revolução lá / proclamaram a república [...] Melhor é ficar pr’aqui [...]”<sup>43</sup>. Em “Saudades do Rio antigo”, aos 66 anos, é, novamente, o mesmo lema evasionista que o faz sonhar com uma felicidade pessoal nunca conseguida, de mistura com uma certa sátira político-social, numa composição de 32 versos que começa e termina com a mesma redondilha “Vou-me embora pra Pasárgada”<sup>44</sup>. A palavra “Pasárgada”, que fascinara o Poeta desde os quinze anos, passou, por via dos seus poemas, a andar na boca de toda a gente, “fugiu do [seu] controle” e “vai tendo aplicações as mais diversas”, como ele próprio regista com o exemplo do Cine Metro-Pasárgada<sup>45</sup>, com o episódio de certa “autarquista bonita” que lhe revelava, num encontro de elevador, que possuía naquele edifício a sua “Pasargadazinha”, ou com o caso do mesmo nome “Pasárgada” dado a um terreno de construção pelos seus loteadores, a um iate pelo seu dono, ou a uma pequena livraria – a *Lojinha Pasárgada* – aberta por um seu amigo na Rua de São José

<sup>43</sup> Vd. “Epistolário”, n.º 26, *ibidem*, p. 1399-1400.

<sup>44</sup> Vd. “Resposta a Eneida”, *ibidem*, p. 489.

<sup>45</sup> Vd. “Pane em Caxias”, in *Andorinha, Andorinha.*, p. 137.

e a qual o poeta propunha que se viesse a chamar “São José de Pasárgada”<sup>46</sup>.

Manuel Bandeira, que ao sofrimento aliava constantes rasgos de bom humor, imprimia muita vez um certo tom jocoso às suas evocações daquela cidade idealizada, afirmando-se “o mais velho amigo do rei de Pasárgada, cidade fundada nas montanhas do sul da Pérsia – uma espécie de Petrópolis da Pérsia –”<sup>47</sup>, ou considerando-se o seu próprio restaurador, quando, nas vésperas de completar 71 anos, assim comentava a aposentadoria que recentemente lhe fora concedida: “desde o ano passado o Presidente Juscelino Kubitschek teve o belo gesto de sancionar a resolução do Congresso que concedeu aposentadoria ao restaurador de Pasárgada. Mas é que, sancionada a lei, caiu o processo nos porões da burocracia e ninguém sabe onde anda”<sup>48</sup>. E no mesmo tom de gracejo se despedia de quem o acompanhava num serão festivo com sessão de autógrafos em 25 de Julho de 1960, como ele recorda dois dias depois: “À meia-noite tinha acabado a minha tinta e a minha paciência. Beije Adalgisa e Glauce, gritei “Vou-me embora pra Pasárgada!” E fui, mas me perdi no caminho.”<sup>49</sup>

Enfim, cinco anos depois, à beira dos seus oitenta, Bandeira concede à evasão pasargadiana o seu sentido final nos versos escatológicos do poema

#### ANTOLOGIA

A vida  
 Com cada coisa no seu lugar.  
 Não vale a pena e a dor de ser vivida.  
 Os corpos se entendem mas as almas não.  
 A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

<sup>46</sup> Vd. “Pasárgada”, *Flauta de Papel*, in *Poesia e Prosa* II, p. 434-435.

<sup>47</sup> Vd. “Em louvor de Hafiz”, in *Andorinha, Andorinha*, p. 346.

<sup>48</sup> Vd. “Mundo de Kafka”, *Flauta de Papel*, in *Poesia Completa e Prosa*, p. 595.

<sup>49</sup> Vd. “No festival do escritor”, *Andorinha, Andorinha*, p. 15.

Vou-me embora pra Pasárgada!  
 Aqui eu não sou feliz.  
 Quero esquecer tudo:  
 — A dor de ser homem...  
 Este anseio infinito e vão  
 De possuir o que me possui.  
 [.....]  
 Quero descansar.  
 Morrer.  
 [.....]  
 Quando a indesejada das gentes chegar  
 Encontrará lavrado o campo, a casa limpa.  
 A mesa posta,  
 Com cada coisa em seu lugar.

Passados três anos, a 13 de Dezembro de 1968, “a indesejada das gentes” chegou, e Manuel Bandeira parte com ela. E parte de vez, mas para uma outra Pasárgada, como genialmente escreveu dois dias depois o outro poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, no poema “Desligamento do Poeta” que lhe dedicou:

Passa ao estranho domínio  
 de deus ou pasárgada-segunda.<sup>50</sup>

Para além desta dimensão transcendente da utopia pasargadiana de Bandeira, que o Poeta viveu e consagrou e que os seus críticos assimilaram, a vitalidade da sua simples dimensão terrena foi assumida mesmo pelo sentimento cultural popular, como se verificou, por exemplo, no desfile de Carnaval de 1973 (então realizado na avenida Presidente Vargas), em que a escola de samba Portela adoptou por samba-enredo o mesmo pensamento bandeirino, sob proposta do compositor David Correa, que nele se inspirou para compor

<sup>50</sup> Vd. Manuel Bandeira, *Estrela da Vida Inteira (Poesias Reunidas e Poemas Traduzidos)*. Edição Comemorativa do Centenário de Nascimento do Bardo (1886-1986). Introdução de Gilda e Antonio Candido. Estudos de Tristão de Athayde e Otto Maria Carpeaux. Poema de Carlos Drummond de Andrade, 11. ed., ilustrada. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1986, p. XXXVI.

uma letra bem conseguida a que deu o título “Pasárgada – O Amigo do Rei”.<sup>51</sup>

4. O sucesso do nome da cidade de Ciro através da pena de Bandeira e a emoção estética que a sua evocação nele despertara desde o primeiro momento justificam que ele procurasse identificar e visitar a sua origem documental. O Poeta enganara-se acerca da fonte donde colhera este topónimo, como ele mesmo reconheceu, pois dele não fala a *Ciropedia* de Xenofonte, que estudara no Ginásio Nacional pelos anos de 1899 a 1902. Mas poderia tê-lo ouvido da boca do seu professor de Grego, Dr. Henrique de Noronha, que, ao comentar os textos da mesma obra integrados no programa de estudos daquela disciplina, se podia servir das informações histórico-geográficas de outros historiadores, para o efeito.

Como sugeria mais tarde “o douto Frei Damião Berge” ao próprio Manuel Bandeira, poderia ser a *Anábase* ou *Expedição de Alexandre*, de Arriano, que se refere à entrada do rei macedónio na cidade de Pasárgada e à posse dos seus tesouros (3. 18, 10-11; 6. 29, 1 - 6. 30, 1; 7. 1, 1; 7. 19, 2); ou, então, a *Geografia* de Estrabão, que, além de incluir a mesma cidade entre as outras persas detentoras de ricos palácios, sepulcros e tesouros fabulosos (15, 3, 3), lembra que o nome de Ciro fora por este adoptado do rio homónimo que banha os arredores de Pasárgada, por ele fundada (15. 3, 6), e transcreve a descrição do seu túmulo e da riqueza do seu recheio (15. 3, 7). E poderia, até, evocar o próprio Heródoto (*Histórias*, 1, 125)<sup>52</sup>, a

<sup>51</sup> Os jornais da época noticiaram repetidamente o acontecimento [v.g. o *Última Hora*, o *Fatos & Fotos*, o *Globo* (vd. o n° de 9/3/73) e sobretudo o *Jornal do Brasil* (vd. os n° de 2, 7 e 11 de Fevereiro e 2 de Março)] e publicaram o respectivo texto: “Ao desembarcar na ilusão/ Senti palpitar meu coração/ (bis)/ Na passarela um reino surgia/ Quanta alegria/ Desembarquei feliz/ Tudo era fascinante/ Nesse mundo pequenino/ Eu até lembrei os dias/ Do meu tempo de menino/ — Na brincadeira de roda/ Rodei pelo mundo afora/ (bis)/ — Nesse reino azul/ Tem tudo que desejei/ — Auê, Auê, Auê, eu sei/ Eu sei que sou amigo do Rei/ (bis)/ — Nas ondas do mar caminhei/ No azul do céu eu voei/ (bis)/ — Lá vem ela na Avenida/ Cinquentenária tão florida/ Ô Portela, Portela Ô/ Na vida és a Pasárgada mais bela”.

<sup>52</sup> Vd. Heródoto, *Histórias*. Livro 1°. Introdução geral de Maria Helena da Rocha Pereira; Introdução ao Livro I, versão do grego e notas de José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva. Lisboa, Edições 70, 1994, p. 144.

quem se devem largas páginas dedicadas aos feitos do mesmo grande político e general, pertencente à ilustre tribo dos Pasárgadas – a mais nobre dos persas – e fundador da sua capital Pasárgada.

Mas tanto o professor Noronha como o aluno Bandeira dispunham, nas *Histórias* de Quinto Cúrcio (5. 6, 10, e 10. 1, 22-24), de referências precisas às opulências dessa cidade fabulosa, donde Alexandre arrecadara, durante as suas campanhas militares, grande quantidade de despojos e dinheiro. O mesmo Cúrcio narra, com exaustivo pormenor, a pompa e riqueza ostentadas por Orsines, o sátrapa de Pasárgada, descendente de Ciro, o Antigo, que, pela nobreza e fortuna herdadas dos seus antigos, se tornara o mais notável entre todos os povos bárbaros (*nobilitate ac diuitiis inter omnes Barbaros eminens*). Com efeito, no seu cortejo de prendas e vassalagem a Alexandre, “seguiram manadas de cavalos domados, carros ornamentados de prata e ouro, utensílios de alto valor, pedras preciosas, pesados vasos de ouro maciço, colchas de púrpura e três mil talentos de prata cunhada (*Equorum domiti greges sequebantur currusque argento et auro adornati, pretiosa supellex et nobiles gemmae, aurea magni ponderis uasa uestesque purpureae et signati argenti talentum III milia*). A fama da prosperidade de Ciro e da capital Pasárgada por ele criada ficou de tal modo gravada na memória colectiva dos Antigos, que, ainda segundo o relato de Cúrcio (10, 1, 30-31), Alexandre mandara abrir o túmulo do grande rei, convicto de nele encontrar (mas em vão) a abundância dos tesouros que aí se guardavam, conforme corria fama entre os próprios Persas (*Auro argentoque conditiis repletum esse crediderat, quippe ita fama Persae uulgauerunt*).

Tenha tido ou não Manuel Bandeira acesso, mesmo indirecto, a autores como estes, foi o sortilégio da histórica opulência da cidade real de Pasárgada, descoberta nas suas aulas de grego, e a eufonia desse nome “estapafúrdio” que o levaram a transportá-la para o paraíso idealizado da sua imaginação e a ver nela a utopia da sua felicidade irrealizada, para onde “se vai embora”, porque sabe que, aí, ele é...”amigo do Rei”.